

ÁREA TEMÁTICA: 2 – Ensino e Pesquisa em Administração.

**A PERCEPÇÃO DE APRENDIZADO DOS DISCENTES DE UMA FACULDADE
TECNOLÓGICA SOB A ÓTICA DAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS DE
MIZUKANI**

AUTORAS

NATALIE AURELIA CIDRAL

Universidade Regional de Blumenau
natycidral@gmail.com

MARIA JOSÉ CARVALHO DE SOUZA DOMINGUES

Universidade REgional de Blumenau/FURB
mjcsd2008@gmail.com

RESUMO

O ensino no Brasil tem sido influenciado por cinco abordagens pedagógicas, citadas por Mizukani, sendo elas: tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Existem poucos estudos que se dediquem a conhecer a visão do aluno sobre essas teorias de aprendizagem e com quais ele mais se identifica. Então, o objetivo desse estudo é descrever as abordagens que os discentes mais reconhecem como facilitadores de aprendizagem. E assim, saber quais são os momentos em que os discentes, de uma faculdade tecnológica, apontam seu maior aprendizado, mostrando a sua respectiva abordagem pedagógica? A pesquisa caracteriza-se: quanto aos objetivos, descritiva; quanto aos procedimentos, levantamento; e quanto à abordagem do problema, é quantitativa. Aplicou-se um questionário em seis turmas. A amostra por conveniência totalizou 108 alunos, com análise estatística descritiva dos dados e teste não paramétrico qui-quadrado. Os principais resultados são: os momentos em que os alunos demonstraram maior aprendizado foram nas situações relacionadas às abordagens interacionistas; quanto ao ambiente de aprendizagem, especificamente, o aluno relaciona seu aprendizado somente à escola, mostrando que fora dela possui maior dificuldade de aprender, principalmente sozinho. Em questão de gênero e idade, não há discrepância nas preferências dos alunos, com apenas poucas ressalvas.

Palavras-chave: Abordagens Pedagógicas; Discentes; Instituição de Ensino Superior Tecnológica.

ABSTRACT

In Brazil the teaching has been affected by five pedagogical approaches, quoted in Mizukani's book. They are: traditional, behaviorist, humanist, cognitivist and sociocultural. There are few studies that try to know the students' perception about the knowledge theories and what theory these students see themselves. So the study's objective is describe the approaches the students more recognize as the learning facilitators. And then to know which are the moments that students of a Technological College point as their biggest learning, showing its pedagogical approach? This research is: concerning the objectives, descriptive; concerning the procedures, weighing; and concerning the problem's approach, it is quantitative. The questionnaire was applied in six classes. The convenience sample was 108 students, with descriptive statistics analysis' data and the non parametric test Chi Square. The main results are: the students point the moments with the biggest learning as the ones related to

interacionists approaches; concerning the learning environment, the students related their learning only to school, showing that outside they don't learn well, mainly when are alone. Considering the gender and the age of the students, there aren't distinction between their preferences, with few reservations.

Palavras-chave: Pedagogical Approaches; Students; Technological College.

1 INTRODUÇÃO

Todas as ações de uma IES ou de um professor, inclusive fora da sala ao preparar as aulas, são orientadas pela forma como eles veem o mundo, pelos objetivos que se pretende atingir, pela sua própria concepção de educação, entre outras coisas. Porém, eles nem sempre são capazes de explicitar claramente as teorias de aprendizagem que o influenciaram, muito embora um espectador experimentado possa identificá-las a partir da observação ou do questionamento aos alunos desse docente.

Autores como Mizukami (1986), entre outros, discute as diferentes abordagens pedagógicas ou linhas/tendências sobre o processo de ensino-aprendizagem. Segundo a autora, existem cinco abordagens que mais influenciaram os professores brasileiros: tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e a sociocultural. Cabe ressaltar que dentre as diferentes teorias de aprendizagem, nenhuma pode ser tomada como superior à outra em termos absolutos, sendo frequente que o professor desenvolva uma forma de atuação a partir da contribuição de várias teorias.

Por isso, o objetivo deste trabalho é descrever as abordagens pedagógicas que os discentes de uma faculdade tecnológica de Blumenau mais reconhecem como facilitadores de aprendizagem. E assim, procurar saber quais são os momentos em que os discentes de uma Instituição de Ensino Superior Tecnológica (IEST) apontam seu maior aprendizado, possibilitando mostrar a sua respectiva abordagem pedagógica?

Para atender a esse objetivo e responder a essa pergunta, aplicou-se um questionário numa IEST, para seis turmas de graduação tecnológica, dos cursos de: Processos Gerenciais; Logística; e Gestão e Tecnologia da Informação. A amostra por conveniência totalizou em 108 alunos respondentes. A pesquisa caracteriza-se: quanto aos objetivos, pesquisa descritiva; quanto aos procedimentos, levantamento e pesquisa bibliográfica; e quanto à abordagem do problema é pesquisa quantitativa, com análise estatística descritiva dos dados e teste não paramétrico qui-quadrado.

Esse presente estudo subdividiu-se em: primeiramente, uma revisão da literatura sobre as abordagens pedagógicas: tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e a sociocultural, seus conceitos e características; no terceiro capítulo, encontra-se delimitada a metodologia; para assim, no quarto capítulo, expor-se a análise de dados; e, finalmente, as considerações finais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Apesar de existirem outras nomenclaturas e formas de divisão das teorias de ensino e aprendizagem advindas de outros autores, considera-se, neste presente estudo, que tenham sido cinco as abordagens que mais influenciaram os professores brasileiros, a saber: abordagem tradicional, abordagem comportamentalista, abordagem humanista, abordagem cognitivista e a abordagem sociocultural, discorrendo-se sobre cada uma delas e procurando enfatizar os conceitos a seguir (MIZUKAMI,1986): a escola; o aluno; o professor; e o processo de ensino e aprendizagem.

Essas cinco abordagens pedagógicas, baseadas na obra de Mizukani (1986), são divididas em três grandes grupos: os empiristas (primado do objeto); os nativistas (primado do sujeito); e os interacionistas (interação sujeito-objeto). Os dois primeiros grupos estão mais condicionados às duas primeiras abordagens: a tradicional e à comportamentalista. Já o grupo dos interacionistas está ligado à visão das últimas três abordagens: humanista, cognitivista e sociocultural.

Segundo a autora, os *empiristas* fundamentam-se no princípio de que o homem é considerado desde o seu nascimento como sendo uma “*tábula rasa*”, uma folha de papel em

branco, e sobre essa folha vão sendo impressas suas experiências. O conhecimento é uma cópia de algo dado no mundo externo, ou seja, é uma “descoberta” e é somente nova para o sujeito que a faz. Portanto, o que foi descoberto já se encontrava presente na realidade exterior.

Os *nativistas* referem-se à hereditariedade do sujeito. Suas características são determinadas desde o seu nascimento. A hereditariedade permite argumentar que o sujeito é basicamente bom ou mau, ativo ou passivo em sua relação com o meio. Presume-se nesta teoria que as propriedades básicas do sujeito como a inteligência, personalidade, motivos, percepções, emoções já existam pré-formadas desde o nascimento.

Já os *interacionistas* acreditam que o sujeito é capaz de construir o seu conhecimento por meio da interação com o objeto do conhecimento. O desenvolvimento humano se dá numa rede de relações, num jogo de interações em que diferentes papéis complementares são assumidos e atribuídos pelos e aos vários participantes (MIZUKAMI,1986).

2.1 A Abordagem Tradicional

Para Snyders (1974, *apud* MIZUKAMI,1986), o ensino tradicional é o ensino verdadeiro, onde a atividade de ensinar está centrada no professor que a expõe e interpreta, conduzindo o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade e da cultura em geral. Observe o Quadro 1:

Quadro 1 – Elementos relevantes na abordagem tradicional

A escola	Lugar ideal para a realização da educação
	Organizada com funções claramente definidas
	Normas disciplinares rígidas
	Prepara os indivíduos para a sociedade
O aluno	É um ser "passivo" que deve assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor
	Deve dominar o conteúdo cultural universal transmitido pela escola
O professor	É o transmissor do conteúdo aos alunos
	Predomina como autoridade
Ensino e aprendizagem	Os objetivos educacionais obedecem à sequência lógica dos conteúdos
	Os conteúdos são baseados em documentos legais, selecionados a partir da cultura universal acumulada
	Predominam aulas expositivas, com exercícios de fixação, leituras-cópias

Fonte: SANTOS (2005).

O objetivo implícito ou explícito deste tipo de ensino é o de formar um aluno ideal, tendo a intenção de simplificar o ensino, não levando em consideração os interesses desse aluno, da sociedade e da vida como um todo (SAVIANI, 1986).

Segundo Mizukami (1986), a escola é um local onde se raciocina e em que o ambiente deve ser austero para que o aluno não se distraia. Também, considera o ato de aprender como uma cerimônia e se faz necessário que o professor se mantenha distante do aluno, ocorrendo uma relação vertical, em que o professor é considerado o detentor do saber e o aluno mero e passivo receptor.

O processo de ensino e aprendizagem baseia-se com frequência em aulas expositivas e em demonstrações do professor, tendo como medida de avaliação da aprendizagem a reprodução do conteúdo pelo aluno. A ênfase não é dada ao educando, e sim ao professor, com o intuito de garantir a aquisição do conteúdo cultural pelo aluno (MIZUKANI, 1986).

2.2 A Abordagem Comportamentalista

Nessa teoria, o conteúdo transmitido visa objetivos e habilidades que levem à competência. O aluno é considerado como um recipiente de informações e reflexões. A educação se preocupa com aspectos mensuráveis e observáveis (SAVIANI, 1986). Veja o Quadro 2:

Quadro 2 – Elementos relevantes na abordagem comportamentalista

A escola	Agência educacional
	Modelo empresarial aplicado à escola
	Divisão entre planejamento (quem planeja) e execução (quem executa)
	No limite, a sociedade poderia viver sem a escola
	Uso da teleeducação: ensino à distância
O aluno	Elemento para quem o material é preparado
	O aluno eficiente e produtivo é o que lida "cientificamente" com os problemas da realidade
O professor	É o educador que seleciona, organiza e aplica um conjunto de meios que garantam a eficiência e eficácia do ensino
Ensino e aprendizagem	Os objetivos educacionais são operacionalizados e categorizados a partir de classificações: gerais (educacionais) e específicos (instrucionais)
	Ênfase nos meios: audiovisuais, instrução programada, tecnologia de ensino, ensino individualizado (módulos instrucionais), "máquinas de ensinar", computadores, hardwares, softwares.
	Os comportamentos desejados serão instalados e mantidos nos alunos por condicionantes e reforçadores.

Fonte: SANTOS (2005).

A escola é a agência que educa formalmente. Não é necessário a ela oferecer condições ao sujeito para que ele explore o conhecimento, explore o ambiente, invente e descubra. E para Skinner, segundo Mizukani (1986), de acordo com os princípios da teoria do reforço, é possível programar o ensino de qualquer disciplina, tanto quanto o de qualquer comportamento, como o pensamento crítico e a criatividade, desde que se possa definir previamente o repertório final desejado.

A função do professor consiste em arranjar as contingências de reforço de modo a possibilitar ou aumentar a probabilidade de ocorrência de uma resposta a ser aprendida. Deve dispor e planejar melhor esses reforços em relação às respostas desejadas.

Essa abordagem enfatiza o uso de estratégias as quais permitem que um maior número possível de alunos atinja altos níveis de desempenho. A cooperação entre alunos não é enfatizada e como consequência dessa abordagem, fica claro que o que não é programado, não é desejável. E não há preocupação em justificar por que o estudante aprende, mas sim em fornecer uma tecnologia que seja capaz de explicar como fazê-lo estudar e que seja eficiente na produção de mudanças comportamentais (SAVIANI, 1986).

Skinner não se preocupou com processos, constructos intermediários, com o que hipoteticamente poderia ocorrer na mente do indivíduo durante o processo de aprendizagem, mas sim com o controle do comportamento observável. Daí o nome de abordagem comportamentalista (MIZUKANI, 1986). O comportamento é moldado a partir de estimulação externa, portanto o indivíduo não participa das decisões curriculares que são tomadas por um grupo do qual ele não faz parte.

2.3 A Abordagem Humanista

Nesta abordagem o enfoque central é o aluno. Segundo Mizukami (1986), a ênfase se dá nas relações interpessoais e no crescimento que se resulta delas, centrando-se no

desenvolvimento da personalidade do indivíduo. O professor em si não transmite conteúdo: dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos. Com isso, o professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam. Note no Quadro 3:

Quadro 3 – Elementos relevantes na abordagem humanista

A escola	Escola proclamada para todos
	"Democrática"
	Afrouxamento das normas disciplinares
	Deve oferecer condições ao desenvolvimento e autonomia do aluno
O aluno	Um ser "ativo"
	Centro do processo de ensino e aprendizagem
	Aluno criativo, que "aprendeu a aprender"
	Aluno participativo
O professor	É o facilitador da aprendizagem
Ensino e aprendizagem	Os objetivos educacionais obedecem ao desenvolvimento psicológico do aluno
	Os conteúdos programáticos são selecionados a partir dos interesses dos alunos
	"Não diretividade"
	A avaliação valoriza aspectos afetivos (atitudes) com ênfase na auto avaliação

Fonte: SANTOS (2005).

Na relação professor-aluno, o primeiro deve aceitar o segundo tal como é e compreender os sentimentos que ele possui. O aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes à aprendizagem (MIZUKAMI, 1986). E para Rogers (1978), o processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se inter-relaciona com o caráter individual do aluno. Não é possível especificar as competências de um professor, pois elas dizem respeito a uma forma de relacionamento de professor e aluno, que sempre é pessoal e única.

O ensino consiste num produto de personalidades únicas, respondendo a circunstâncias também únicas, num tipo especial de relacionamento. A metodologia, as estratégias instrucionais assumem importância secundária. Não se enfatiza técnica ou método para se facilitar a aprendizagem. (MIZUKAMI, 1986). Já a aprendizagem, na abordagem humanista, tem a qualidade de um envolvimento pessoal: a pessoa, como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se de fato na aprendizagem (ROGERS, 1978).

Nessa abordagem, a escola se posiciona em respeitar a criança tal qual ela é. Oferecendo a esta, condições de se desenvolver em seu processo de vir-a-ser, possibilitando assim a autonomia dos alunos. Complementando, Neill (1963, *apud* MIZUKANI, 1986), ao analisar a escola, afirma que “a escola que faz com que os alunos ativos fiquem sentados em carteiras, estudando assuntos em sua maior parte inúteis, é uma escola má”. Será boa apenas para os que acreditam em escolas desse tipo, para os cidadãos não criadores, que desejam crianças prontas, dóceis, não criadoras. Ele mostrou a possibilidade de uma escola se governar pelo princípio da autonomia democrática. O princípio básico consiste na ideia da não intervenção com o crescimento da criança e de nenhuma pressão sobre ela.

2.4 A Abordagem Cognitivista

A abordagem cognitivista está ligada a processos organizacionais do conhecimento, suas constituições, seu processamento, sua elaboração e tomada de decisão (SANTOS, 2005).

Segundo Mizukami (1986), esta teoria estuda cientificamente a aprendizagem como sendo um produto do meio ambiente, das pessoas ou de fatores externos ao aluno. Tem certa preocupação com as relações sociais, contudo dá maior ênfase à capacidade do aluno em absorver as informações e processá-las. Piaget é considerado um dos propulsores dessa tendência. Vide o Quadro 4:

Quadro 4 – Elementos relevantes na abordagem cognitivista

A escola	Deve dar condições para que o aluno possa aprender por si próprio
	Deve oferecer liberdade de ação real e material
	Deve reconhecer a prioridade psicológica da inteligência sobre a aprendizagem
	Deve promover um ambiente desafiador favorável à motivação intrínseca do aluno
O aluno	Papel essencialmente "ativo" de observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar etc
O professor	Deve criar situações desafiadoras e desequilibradoras por meio da orientação
	Deve estabelecer condições de reciprocidade e cooperação ao mesmo tempo moral e racional
Ensino e aprendizagem	Deve desenvolver a inteligência considerando o sujeito inserido numa situação social
	A inteligência constrói-se a partir da troca do organismo com o meio, por meio das ações dos indivíduos
	Baseados no ensaio e no erro, na pesquisa, na investigação, na solução de problemas, facilitando o "aprender a pensar"
	Ênfase nos trabalhos em equipe e jogos

Fonte: SANTOS (2005).

A aprendizagem na abordagem cognitivista se dá no exercício operacional da inteligência e a avaliação nesta abordagem é realizada a partir de parâmetros extraídos da própria teoria e implicará verificar se o aluno já adquiriu noções, conservações, realizou operações, relações entre outros. A metodologia caberá ao educador planejar situações de ensino onde os conteúdos e os métodos pedagógicos sejam coerentes com o desenvolvimento da inteligência e não com a idade cronológica dos indivíduos (MIZUKAMI, 1986).

Na abordagem cognitivista, o professor deve assumir o papel de coordenador, levando o aluno a trabalhar o mais independentemente possível. Cabe ao aluno um papel essencialmente ativo. O professor deve ser um orientador para os alunos, um instigador, fazendo com que o aluno aprenda por si mesmo, porém sem abandoná-lo. Deve ser atento aos passos de aprendizagem dos alunos, proporem-lhes questões, provocar situações onde os mesmos reflitam e estejam abertos para descobrir e apreender (SANTOS, 2005).

Caberá ao professor criar situações, propiciando condições onde possam se estabelecer reciprocidade intelectual e cooperação ao mesmo tempo moral e racional. Ele precisa evitar a rotina, fixação de respostas e hábitos. Deve simplesmente propor problemas aos alunos, sem ensinar as soluções. Sua função consiste em provocar desequilíbrios, fazer desafios. Deve orientar o aluno e conceder ampla margem de autocontrole e autonomia. Deve assumir o papel de investigador, pesquisador, orientador, coordenador, levando o aluno a trabalhar o mais independentemente possível. Precisa observar o comportamento dos alunos (MIZUKANI, 1986).

Entretanto, cabe ao aluno um papel extremamente ativo e suas atividades são: observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar, entre outros (MIZUKANI, 1986).

Para Piaget (1978, *apud* MIZUKANI, 1986) existem duas fases de aquisição de conhecimento: a fase exógena (fase da constatação, da cópia, da repetição); e a fase endógena

(da compreensão das relações, das combinações). E considerando-se o construtivismo interacionista, característico desta abordagem, é importante mencionar que para Piaget não há um começo absoluto, porque a teoria de assimilação supõe que o que é assimilado é por meio de um esquema anterior, de forma, que na verdade, não se aprende nada realmente novo. Apenas se evolui.

O objetivo da educação, portanto, não consistirá na transmissão de verdades, informações, demonstrações, modelos etc., e sim em que o aluno aprenda, por si próprio, a conquistar essas verdades. A educação pode ser considerada igualmente como um processo de socialização. Socializar, nesse sentido, implica criarem-se condições de cooperação. A aquisição individual das operações pressupõe necessariamente a cooperação, colaboração, trocas e intercâmbio entre as pessoas. A educação, portanto, é condição formadora necessária ao desenvolvimento natural do ser humano (MIZUKANI, 1986).

Para os autores desta abordagem, o principal papel da escola seria primeiramente ensinar o aluno a observar. Piaget (1972, *apud* MIZUKANI, 1986) diz que a verdadeira causa dos fracassos da educação formal decorre essencialmente do fato de se principiar pela linguagem, ao invés de se fazer pela ação real e material. A escola deveria dar a chance pra qualquer aluno de aprender por si próprio, oportunidades de investigação individual, possibilitando todas as tentativas e ensaios que uma atividade real pressupõe. Motivação intrínseca.

2.5 A Abordagem Sociocultural

A abordagem sociocultural, ou libertária, extingue com as relações autoritárias, onde não há escolas nem professor, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é manter o diálogo (LIBÂNEO, 1982). O educador, cujo campo fundamental de reflexão é a consciência do mundo, procura criar uma pedagogia voltada para a prática histórica real (LIBÂNEO, 1986). Atente ao Quadro 5:

Quadro 5 – Elementos relevantes na abordagem sociocultural

A escola	Deve ser organizada e estar funcionando bem para proporcionar os meios para que a educação se processe em seus múltiplos aspectos
O aluno	Uma pessoa concreta, objetiva, que determina e é determinada pelo social, político, econômico e individual (pela história)
	Deve ser capaz de operar conscientemente mudanças na realidade
O professor	É o educador que direciona e conduz o processo de ensino e aprendizagem
	A relação entre professor e aluno deve ser horizontal, ambos se posicionando como sujeitos do ato de conhecimento
Ensino e aprendizagem	Os objetivos educacionais são definidos a partir das necessidades concretas do contexto histórico-social no qual se encontram os sujeitos
	Busca uma consciência crítica
	O diálogo e os grupos de discussão são fundamentais para o aprendizado
	Os "temas geradores" para o ensino devem ser extraídos da prática de vida dos educandos

Fonte: SANTOS (2005).

Relação professor aluno na abordagem sociocultural é horizontal e não imposta. Para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando, por sua vez, educador. O “professor” tentará desmitificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto criando cultura (MIZUKAMI, 1986).

É no processo de ensino e aprendizagem que esta abordagem procura a superação da relação opressor-oprimido. Essa superação exige condições tais como: reconhecer-se, criticamente, e solidariza-se com o oprimido engajando-se na práxis libertadora, onde o diálogo exerce papel fundamental na percepção da realidade opressora (MIZUKAMI, 1986).

A escola deve ser um local onde seja possível o crescimento mútuo, do professor e dos alunos, no processo de conscientização o que indica uma escola diferente do que se tem atualmente (SANTOS, 2005).

Paulo Freire é o principal autor brasileiro desta abordagem, enfatizando aspectos sócio-político-cultural, havendo uma grande preocupação com a cultura popular, sendo que tal preocupação vem desde a II Guerra Mundial com um aumento crescente até nossos dias (MIZUKAMI, 1986).

Segundo Freire (1974, *apud* MIZUKANI, 1986), o homem está inserido no contexto histórico. O homem é sujeito da educação, em que a ação educativa promove o próprio indivíduo, como sendo único dentro de uma sociedade/ambiente. O homem alienado não se relaciona com a realidade objetivo, como um verdadeiro sujeito pensante: o pensamento é dissociado da ação.

A elaboração e o desenvolvimento do conhecimento estão ligados ao processo de conscientização. Toda ação educativa, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque (MIZUKAMI, 1986).

Assim, para Freire (1974, *apud* MIZUKANI, 1986), a estrutura de pensar do oprimido está condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial em que o oprimido se forma. Resultando consequências tais como: ser ideal é ser mais homem; atitude fatalista; atitude de auto desvalia; o medo da liberdade ou a submissão do oprimido.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa se caracteriza como descritiva por buscar descrever um fato, um problema ou um fenômeno. Segundo Gil (2009), a pesquisa descritiva é um levantamento das características conhecidas que são componentes do fato, do problema ou do fenômeno em estudo. Hair (2005) aponta que nesse tipo de pesquisa, os dados são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados sem a interferência do pesquisador sobre eles, ou seja, sem a sua manipulação. O estudo descritivo procura abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social. Para Raupp e Beuren (2009), o estudo descritivo possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação.

Segundo as fontes de informação, a pesquisa se caracteriza ainda como de campo, seguindo a classificação de Gil (2009), já que a coleta de dados será realizada no lugar natural onde acontecem os fatos. E, também, pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, permitindo ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (HAIR, 2005). Por meio dessa pesquisa foi possível a construção do instrumento de coleta de dados desse estudo,

Ainda segundo Hair (2005), caracteriza-se como um levantamento, pois se interrogou diretamente as pessoas cujos comportamentos se desejava conhecer, solicitando informações a esse grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, então, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

E, finalmente, quanto à abordagem do problema, segundo Raupp e Beuren (2009), esse estudo caracteriza-se por uma pesquisa de análise quantitativa dos dados, porque procura descrever uma determinada situação, por meio de dados quantitativos e análise estatística.

3.2 População e Amostra

O presente estudo foi aplicado numa Instituição de Ensino Superior Tecnológico (IEST), na cidade de Blumenau, no ano de 2011, para as seis turmas de graduação tecnológica, dentre elas: duas turmas do curso de Processos Gerenciais; duas turmas do curso de Logística; e duas turmas do curso de Gestão em Tecnologia da Informação (T.I).

A população de alunos dessas seis turmas totalizava em 136 alunos matriculados, segundo informação fornecida pela coordenação dos cursos superiores tecnológicos da IEST pesquisada. Entretanto, do total, 108 alunos responderam ao questionário, caracterizando nossa amostra por conveniência, ou seja, os alunos que estavam em sala de aula quando o questionário foi aplicado e que se dispuseram a respondê-lo.

Os alunos foram instruídos a responderem todas as questões e, se por ventura, tivessem alguma dúvida, chamassem a pessoa que estava aplicando o questionário, para que essa esclarecesse qualquer questionamento.

3.3 Técnicas de Coleta

Aplicou-se um questionário estruturado fechado, dividido em blocos de questões, de acordo com os conceitos mais enfatizados na revisão de literatura desse artigo: a escola; o aluno; o professor; e o ensino e aprendizagem. Ver Apêndice A.

Construiu-se o questionário baseado nas cinco abordagens pedagógicas comentadas por Mizukani (1986): tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Já que existem outras nomenclaturas e divisões dessas teorias feitas por outros autores, escolheu-se Mizukani (1986) por ser a divisão mais conhecida entre os estudiosos brasileiros.

Dividiu-se o questionário em cinco blocos de questões, com escala Likert de 5 pontos, sendo: quatro questões quanto ao perfil dos alunos; doze questões quanto ao ambiente de aprendizado; oito questões com relação ao papel do aluno; oito questões com relação ao papel do professor; doze questões quanto ao ensino em geral. E cada bloco de questões refere-se a um conceito tratado nas teorias de aprendizagem e encontrado em Mizukani (1986), sendo eles: a escola; o aluno; o professor; o processo de ensino e aprendizagem.

3.4 Técnicas de Análise

Para analisar os dados, atribuímos um valor numérico (Escala de Likert de cinco pontos) a cada possibilidade de resposta, sendo que quanto maior o escore mais os alunos concordariam que aquela situação sempre ocorria com eles, conforme situação exposta em cada afirmação. E quanto menor fosse esse valor atribuído mais estariam concordando com a afirmativa de que nunca aquela situação ocorria consigo. Os valores atribuídos variaram de 1 a 5, representados na Figura 1:

Figura 1 – Representação da Escala de Valores do Questionário

1	2	3	4	5
Nunca	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre	Sempre

Ressalta-se que foi realizada Análise Estatística Descritiva dos dados obtidos, utilizando como subsídio o referencial das Teorias Das Abordagens Pedagógicas baseadas na obra de Mizukani (1986). Em seguida, aplicou-se o Teste Não Paramétrico Qui-Quadrado, para comparar a distribuição dos acontecimentos em diferentes amostras, a fim de avaliar se as proporções observadas desses eventos mostram ou não diferenças significativas. Para esses passos de análise utilizou-se a ferramenta *Excel* e o *software* SPSS.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Perfil dos respondentes

A primeira parte do instrumento de coleta de dados (questionário) permitiu caracterizar os participantes da pesquisa (alunos dos cursos superiores tecnológicos de uma IEST, em Blumenau), em relação a: idade, gênero, curso e semestre que estavam matriculados.

A maioria dos alunos é considerada jovem, pois estão entre a idade de menos de 20 anos até a idade dos 30 anos. Esta faixa etária representa 77,8% dos respondentes. Cursos superiores tecnológicos possuem carga horária geral menor do que um curso de graduação normal. Então, por que esses alunos mais jovens procuram por cursos mais rápidos? Por causa de seu perfil de geração Y e Z? Ou por que pretendem fazer outro curso superior além desse?

Outro número igualmente considerável é o percentual de sujeitos masculinos nessa amostragem: 75 respondentes, representando, aproximadamente 70% dos alunos dos cursos superiores dessa IEST. O que nos leva a questionar se há a possibilidade de que o gênero masculino tenha a tendência de procurar mais por cursos superiores tecnológicos do que o gênero feminino? E por que isso ocorre?

Com relação ao curso frequentado pelos alunos respondentes da IEST: a maior procura é no curso de Processos Gerenciais, mas não há muita diferença considerável em relação aos outros cursos. O curso de Gestão em T.I é o mais novo deles e tem tido muita procura, mas possui muita desistência por parte dos alunos ao longo dos cinco semestres. Por que isso acontece mais num curso do que em outro?

Pelo fato do questionário ter sido aplicado no segundo semestre do ano de 2011, somente os alunos das segundas e quartas fases responderam-no, porque nessa IEST há apenas um vestibular por ano, com uma entrada de novas turmas por ano letivo, que seria no início de cada ano. Assim, quanto ao número de alunos por turma, no segundo semestre há maior quantidade de alunos do que no quarto (31,25%), devido a um percentual de desistência e abandono dos cursos naturalmente ocorrente. Qual será a causa dessa desistência nas faculdades tecnológicas?

4.2 Análise Estatística Descritiva

Expõem-se aqui, por meio dos Quadros 6, 7, 8 e 9, as proposições do questionário, com suas respectivas abordagens pedagógicas, para melhor entendimento da análise e interpretação dos dados que se encontra a seguir:

E, logo após, as Tabelas 1, 2, 3 e 4 mostram a somatória, a média, a mediana, o desvio padrão e a variância dos escores atribuídos pelos alunos relativos às afirmações baseadas nas abordagens pedagógicas comentadas por Mizukani (1986):

Com relação ao ambiente de aprendizado (escola), os alunos mostram uma tendência maior para as abordagens: tradicional e comportamentalista. Na Tabela 1, se observarmos as células destacadas, podemos ver que as maiores médias de pontuação foram para duas proposições destas duas abordagens.

Quadro 6 – Afirmações do questionário sobre o ambiente de aprendizagem (escola)

Com relação ao ambiente de aprendizado, eu percebo que aprendo...	Abordagem Pedagógica
1) Somente na escola, que é o lugar ideal para a realização da educação.	Tradicional
2) Quando a escola baseia-se num modelo empresarial.	Comportamental
3) Se esse ambiente possui normas disciplinares leves.	Humanista
4) Se é promovido um ambiente desafiador favorável à minha própria motivação.	Cognitivista
5) Quando a escola é organizada com funções claramente definidas (professor, aluno, orientador, coordenador, diretor...)	Tradicional
6) Na prática, ou seja, a escola poderia estar inserida nas empresas.	Comportamental

7) Quando me sinto parte de uma equipe, de um “todo” democrático.	Sociocultural
8) Quando é oferecida liberdade de ação dentro e fora de sala.	Cognitivista
9) Se esse ambiente possui normas disciplinares rígidas.	Tradicional
10) À distância, pois não preciso da escola para aprender.	Comportamental
11) Quando se oferece condições ao meu desenvolvimento e autonomia.	Humanista
12) Se eu puder aprender por mim próprio.	Sociocultural e Cognitivista

Tabela 1 – Somatória, média, mediana, desvio padrão e variância das afirmações 1 a 12

	q1	q2	q3	q4	q5	q6	q7	q8	q9	q10	q11	q12
Somatória	356	387	346	416	437	434	413	426	327	213	420	313
Média	3,30	3,58	3,20	3,85	4,05	4,02	3,82	3,94	3,03	1,97	3,89	2,90
Mediana	3,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	2,00	4,00	3,00
Desvio Padrão	1,0524	0,9184	0,9547	0,9936	0,9895	0,9371	0,8736	0,9456	1,0718	0,9517	0,8241	0,9853
Variância	1,1076	0,8435	0,9114	0,9872	0,9791	0,8782	0,7632	0,8941	1,1488	0,9058	0,6791	0,9708

Mesmo que a proposição com menor valor seja uma da abordagem comportamental, pode-se notar que é a afirmação que propõe o aprendizado fora da escola, longe do ambiente escolar, denotando que o aluno tenha que aprender sozinho e fora da escola. O que parece que não agrada muitos aos alunos dessa IEST.

Já com relação ao próprio papel do aluno, se observar a Tabela 2, as células destacadas são das questões 15, 17 e 20. Questões relacionadas às abordagens pedagógicas, respectivamente: humanista, tradicional e cognitivista. O destaque inicial vai para as questões 15 e 20, relativas às abordagens interacionistas: a humanista e a cognitivista. Isso nos mostra que quando o aluno fala sobre o seu próprio papel, ele tem uma opinião mais interacionista. Ele opta por um aprendizado em que ele possa exercer mais o seu papel ativo, com criatividade, para: experimentar, observar, comparar, analisar, argumentar, compor, ou seja, agir e não esperar apenas pelo professor.

Quadro 7 – Proposições do questionário sobre o papel do aluno

Com relação ao meu papel como aluno, eu percebo que aprendo...	Abordagem Pedagógica
13) Somente prestando atenção ao que o professor ensina.	Tradicional
14) Quando o professor faz uma vez e permite que eu repita várias vezes.	Comportamental
15) Se eu posso utilizar a minha criatividade.	Humanista
16) Quando percebo que sou tão ou mais ativo que o professor.	Sociocultural
17) Apenas o conteúdo que é repassado pela escola.	Tradicional
18) Se eu sigo passos e direções propostas pelo material ou pelo professor.	Comportamental
19) Quando posso ser mais participativo em sala de aula.	Humanista
20) Se eu posso experimentar, observar, comparar, analisar, argumentar, compor, entre outras ações.	Cognitivista

Tabela 2 – Somatória, média, mediana, desvio padrão e variância das afirmações 13 a 20

	q13	q14	q15	q16	q17	q18	q19	q20
Somatória	363	403	432	321	274	379	426	472
Média	3,36	3,73	4,00	2,97	2,54	3,51	3,94	4,37
Mediana	3,00	4,00	4,00	3,00	3,00	3,00	4,00	5,00
Desvio Padrão	1,0181	1,0377	0,8538	0,8696	0,9215	0,8145	0,9052	0,8041
Variância	1,0366	1,0768	0,729	0,7562	0,8491	0,6635	0,8193	0,6466

Para corroborar essa opinião, a questão com menor pontuação é a 17, relacionada a abordagem tradicional. Com isso, pode-se notar que o aluno não quer participar de forma

tradicional, ou seja, deixar o professor ser o centro do processo de ensino e aprendizagem e ele, o aluno, apenas um receptor de conteúdo na escola.

Da mesma forma acontece com o papel do professor. Ao observar a Tabela 3, as células destacadas nos mostram que os alunos deram maior pontuação, na média, para as questões 23, 24 e 28, que são, também, das abordagens interacionistas: humanista, cognitivista e sociocultural. Estas questões nos mostram que o aluno diz que aprende mais quando tem um professor que cria condições para trabalho em equipe e quando propõe desafios a ele.

Quadro 8 – Proposições do questionário sobre o papel do professor

Com relação ao papel que o professor desempenha, eu percebo que aprendo...	Abordagem Pedagógica
21) Somente quando ele transmite os conteúdos para mim, em sala de aula.	Tradicional
22) Quando ele me mostra exatamente o que fazer, passo a passo.	Comportamental
23) Se ele usa métodos para facilitar a minha aprendizagem.	Humanista
24) Quando cria situações desafiadoras para o desenvolvimento do meu conhecimento.	Cognitivista
25) Quando ele se propõe firmemente ser a única autoridade em sala de aula.	Tradicional
26) Se ele seleciona, organiza e aplica todo o conteúdo sem a minha opinião.	Comportamental
27) Quando ele apenas direciona o caminho, possibilitando o uso de minha criatividade.	Sociocultural e Humanista
28) Se cria condições de trabalho em equipe (cooperação).	Sociocultural e Cognitivista

Tabela 3 – Somatória, média, mediana, desvio padrão e variância das afirmações 21 a 28

	q21	q22	q23	q24	q25	q26	q27	q28
Somatória	334	384	434	448	301	272	385	436
Média	3,09	3,56	4,02	4,15	2,79	2,52	3,56	4,04
Mediana	3,00	4,00	4,00	4,00	3,00	2,00	4,00	4,00
Desvio Padrão	0,9327	1,1051	0,8426	0,7832	1,0506	0,9519	0,9790	0,9061
Variância	0,8699	1,2212	0,7099	0,6134	1,1038	0,9062	0,9584	0,821

Por outro lado, vale destacar, também, a questão 26, em que se vê e baixa pontuação média e mediana, mostrando que o aluno geralmente não aprende quando o professor seleciona, organiza e aplica todo o conteúdo sem a opinião dele. Esse é um lado da abordagem comportamentalista em que os alunos dessa IEST não se identificam.

Finalmente, com relação ao ensino e aprendizagem, conforme a Tabela 4, as células destacadas nos mostram que o aluno dá maior pontuação, na média, para as questões 36 e 40 (ambas da abordagem cognitivista), mas pontuam menos a questão 31 que é relacionada às abordagens: sociocultural e humanista.

Quadro 9 – Proposições do questionário sobre o ensino e aprendizagem

Com relação ao ensino em geral, eu percebo que aprendo...	Abordagem Pedagógica
29) Se os conteúdos seguem uma ordem lógica, previamente estipulada.	Tradicional
30) Quando posso usar computador em sala de aula.	Comportamental
31) Se eu puder escolher a ordem dos conteúdos que quero conhecer.	Sociocultural e Humanista
32) Se me sinto na liberdade de cometer erros, sem ser prejudicado por estes.	Cognitivista
33) Quando faço exercícios de fixação (repetição).	Tradicional
34) Se forem utilizados recursos audiovisuais em sala de aula.	Comportamental
35) Quando eu puder fazer parte de minha avaliação (auto-avaliação).	Sociocultural
36) Quando percebo que estou em situações que posso pensar em algo novo.	Cognitivista
37) Se faço leituras e cópias das mesmas.	Tradicional
38) Quando todo conteúdo é programado em módulos.	Comportamental
39) Quando se avalia a minha atitude e não somente o conteúdo adquirido.	Humanista

40) Se me permitem trabalhar em equipe, interagindo com os colegas.	Cognitivista
---	--------------

Tabela 4 – Somatória, média, mediana, desvio padrão e variância das afirmações 29 a 40

	q29	q30	q31	q32	q33	q34	q35	q36	q37	q38	q39	q40
Somatória	416	391	279	369	420	419	375	423	345	375	404	453
Média	3,85	3,62	2,58	3,42	3,89	3,88	3,47	3,92	3,19	3,47	3,74	4,19
Mediana	4,00	4,00	2,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	3,00	4,00	4,00
Desvio Padrão	0,8734	1,0653	1,0776	1,0862	0,8895	0,9444	0,9418	0,8103	0,9902	0,8696	0,9606	0,8141
Variância	0,7629	1,1349	1,1612	1,1799	0,7913	0,8919	0,8871	0,6565	0,9805	0,7562	0,9228	0,6628

O que é interessante nessa questão 31 é a sua relação com a questão 26 da Tabela 3 e do Quadro 8. Na análise anterior a essa se observou que o aluno deu baixa pontuação a questão 26 que propunha a autonomia do professor em selecionar, organizar e aplicar todo o conteúdo sem a opinião do aluno. Mas nessa questão 31, o aluno também faz pontuação baixa para a sua participação na escolha da ordem dos conteúdos. Afinal, o aluno aprende mais quando o professor organiza todo o conteúdo ou quando ele pode participar dessa organização também?

4.3 Teste Não Paramétrico Qui-Quadrado

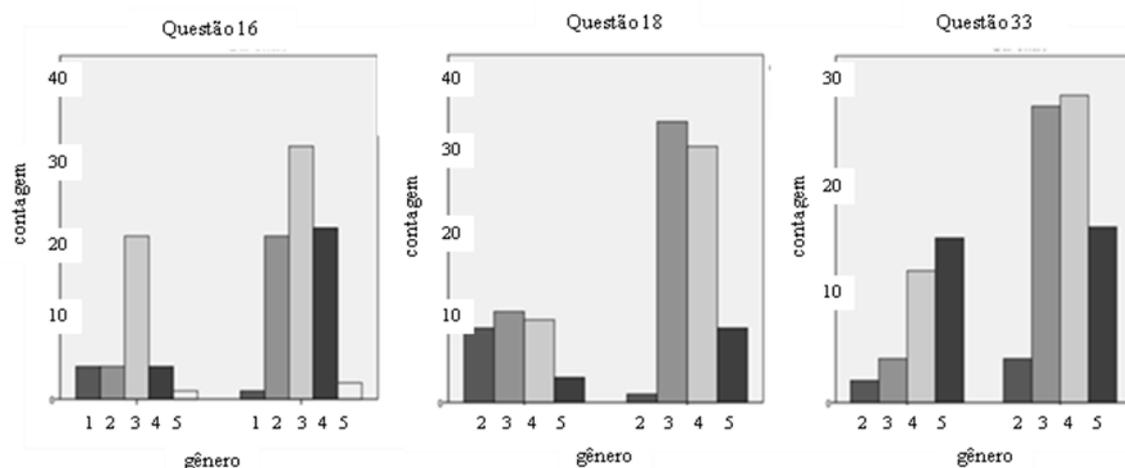
Aplicou-se o Teste Não Paramétrico Qui-Quadrado para comparar a distribuição dos acontecimentos na amostra de 108 alunos, com relação à diferença de gênero e idade, a fim de avaliar se as proporções observadas desses eventos mostram ou não diferenças significativas quanto ao objetivo desse estudo que é: descrever as abordagens pedagógicas que os discentes de uma faculdade tecnológica de Blumenau mais reconhecem como facilitadores de aprendizagem.

Se o Teste Não Paramétrico Qui-Quadrado mostrar o valor de *Pearson Chi-Square* maior que o valor de 0,05 então não há diferença significativa entre os grupos. Entretanto, se o valor for menor que 0,05 há diferença significativa entre eles. Com isso, propõem-se as seguintes hipóteses, cada qual relacionada a um grupo – gênero e idade, respectivamente:

- Os alunos pertencentes às duas amostras (feminino e masculino) reconhecem como facilitadores de aprendizagem as mesmas abordagens pedagógicas.*
- Os alunos pertencentes às duas amostras (até 30 anos e acima de 30 anos) reconhecem como facilitadores de aprendizagem as mesmas abordagens pedagógicas.*

Com relação à hipótese (a), essa pode ser considerada verdadeira. Na maioria das questões propostas aos alunos dos cursos superiores tecnológicos da IEST, em questão de gênero, não há discrepância em suas preferências, porque os valores do *Pearson Chi-Square* foram maiores que o valor de “0,05”, com exceção de três questões (16, 18 e 33) expostas a seguir:

Figura 2 – Relação do gênero com as questões 16, 18 e 33



Com relação ao meu papel como aluno, eu percebo que aprendo...

16) Quando percebo que sou tão ou mais ativo que o professor.

Pearson Chi-Square: 0,016

Conforme Figura 2, o gênero feminino não se mostrou tão positivo a essa situação quanto o gênero masculino, que deu pontuações mais altas, no geral, mostrando a preferência desse último em ser mais ativo no seu próprio aprendizado e não tão dependente da figura do professor.

Com relação ao meu papel como aluno, eu percebo que aprendo...

18) Se eu sigo passos e direções propostas pelo material ou pelo professor.

Pearson Chi-Square:0,000

Já nesse caso, o gênero feminino tem uma distribuição de pontuação entre os valores 2, 3 e 4, denotando, também, uma divisão de opinião. Entretanto, há um bom número de pontuações baixas, mostrando que esse gênero não aprende muito quando tem que seguir passos pré-determinados. O gênero masculino pontuou os valores mais altos, mostrando que gosta de seguir passos, ressaltando seu lado técnico, ou seja, tecnicista, comportamentalista.

Com relação ao ensino em geral, eu percebo que aprendo...

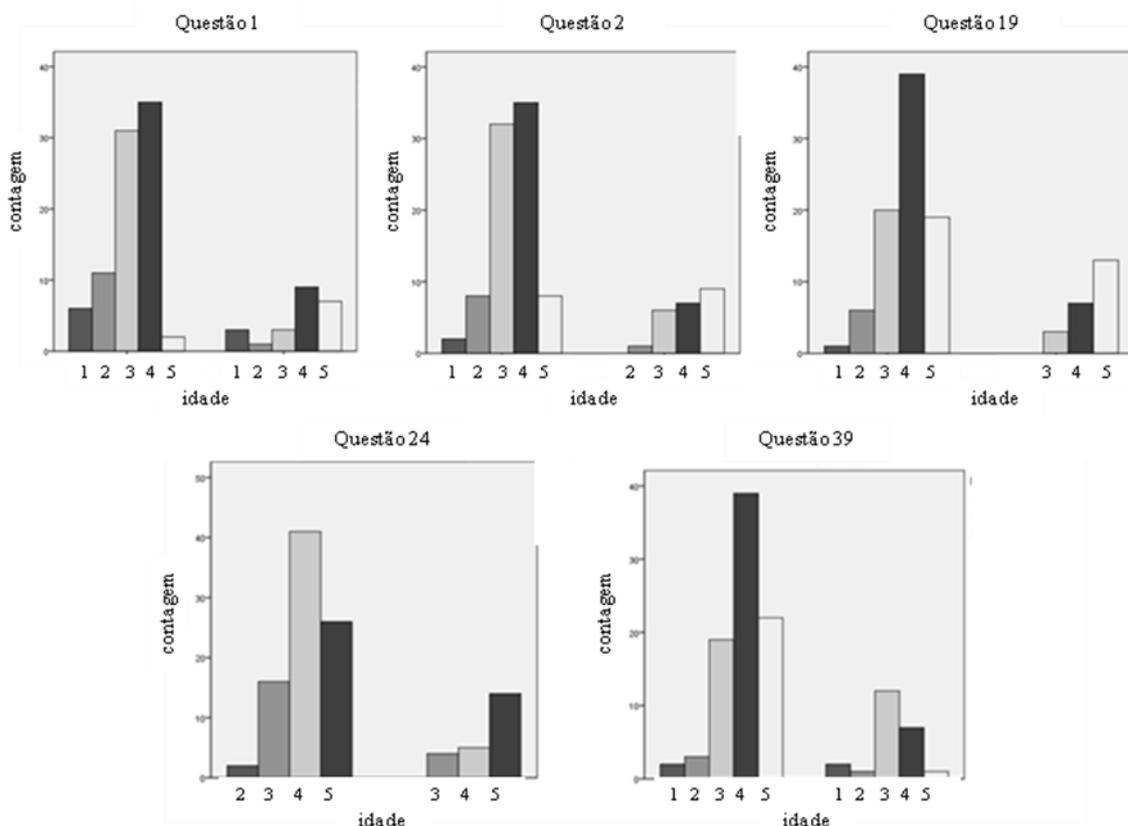
33) Quando faço exercícios de fixação (repetição).

Pearson Chi-Square:0,026

A maioria do gênero feminino opta por aprender com exercícios de fixação, enquanto o gênero masculino encontra-se dividido em sua opinião: uma parte aprende nessa situação, mas outra boa parte aprende somente às vezes, mostrando que não estão bem certos se realmente aprendem dessa maneira.

Com relação à segunda hipótese, das afirmações feitas aos alunos dos cursos superiores tecnológicos da IEST, em questão de idade, também não há discrepância em suas preferências, porque os valores do *Pearson Chi-Square* foram maiores que o valor de “0,05”, com exceção de cinco questões (1, 2, 19, 24 e 39), que serão expostas a seguir, na Figura 3, mostrando as diferenças desses dois grupos – alunos com até 30 anos e com mais de 30 anos:

Figura 3 – Relação da idade com a questão 1, 2, 19, 24 e 39



Com relação ao ambiente de aprendizado, eu percebo que aprendo...

1) *Somente na escola, que é o lugar ideal para a realização da educação.*

Pearson Chi-Square: 0,000

Essa questão mostra que para os mais jovens a escola não é o único ambiente de aprendizagem, enquanto que para os de faixa etária mais alta, a escola ainda é o lugar ideal para se aprender, mostrando que os de idade avançada ainda estão mais ligados à abordagem tradicional de se ensinar e aprender.

Com relação ao ambiente de aprendizado, eu percebo que aprendo...

Quando a escola baseia-se num modelo empresarial.

Pearson Chi-Square: 0,014

Os alunos de faixa etária mais alta se identificam mais com esse modelo de escola, enquanto que os mais jovens até se identificam, mas têm sua opinião dividida e inclusive alguns opinaram dizendo que nunca aprendem com um estilo de ambiente de aprendizagem empresarial. A abordagem comportamental está ligada ao tecnicismo, corrente que teve sua força entre a Segunda Guerra Mundial e os anos 1980, aqui no Brasil. Talvez essa seja a influência da escola em modelo empresarial no modo de aprender desses alunos mais velhos.

Com relação ao meu papel como aluno, eu percebo que aprendo...

19) *Quando posso ser mais participativo em sala de aula.*

Pearson Chi-Square: 0,027

A faixa etária mais alta se destacou nessa questão no fato de que nenhum dos alunos escolheu as alternativas 1 ou 2, que significam nunca ou quase nunca aprendo desse jeito. Isso significa que com essa idade esses alunos tenham mais gosto e aprendam mais participando das aulas, enquanto que a opinião da faixa etária mais baixa ficou mais dividida. Destaque para as abordagens interacionistas, em que o aluno quer se relacionar mais e participar mais em sala de aula.

Com relação ao papel que o professor desempenha, eu percebo que aprendo...

24) *Quando cria situações desafiadoras para o desenvolvimento do meu conhecimento.*

Pearson Chi-Square: 0,045

Novamente, a faixa etária mais alta se destacou nessa questão no fato de que nenhum dos alunos escolheu as alternativas 1 ou 2, que significam nunca ou quase nunca aprendo desse jeito. Isso significa que com essa idade esses alunos queiram que o professor crie situações desafiadoras, pois assim percebem que aprendem mais. Apesar de que os alunos mais jovens também queiram ser desafiados, mas alguns desses opinaram que não aprendem quase nunca dessa maneira. Isso nos mostra que os alunos buscam por momentos desafiadores, para o desenvolvimento do conhecimento deles, destacando a abordagem humanista.

Com relação ao ensino em geral, eu percebo que aprendo...

39) *Quando se avalia a minha atitude e não somente o conteúdo adquirido.*

Pearson Chi-Square: 0,014

Já nessa situação, os alunos com idade mais baixa mostram que querem ser avaliados não somente pelo conhecimento, mas também pelas suas atitudes, mostrando uma tendência interacionista. Enquanto que a os mais velhos não se atêm muito para essa questão, demonstrando o costume com os métodos de avaliação tradicional e comportamental, que são feitos apenas pelo conteúdo adquirido e nada mais.

5 CONCLUSÃO

Por serem cinco as abordagens que tem mais influenciado o ensino no país, comentadas na obra de Mizukani (1986), o objetivo deste trabalho foi descrever as abordagens pedagógicas que os discentes de uma faculdade tecnológica de Blumenau mais

reconhecem como facilitadores de aprendizagem. E assim, procurar saber quais são os momentos em que os discentes de uma Instituição de Ensino Superior Tecnológica (IEST) apontam seu maior aprendizado, possibilitando identificar a respectiva abordagem pedagógica?

Os momentos em que os alunos demonstraram maior aprendizado foram nas situações relacionadas às abordagens interacionistas, ou seja, na abordagem humanista, cognitivista e sociocultural. Entretanto, quando falado especificamente do ambiente de aprendizagem, o aluno ainda está liga seu aprendizado somente à escola. Mostrando que fora dela não consegue aprender, principalmente sozinho. Assim, as teorias empiristas e nativistas ainda são as que mais pontuam nesse momento: a abordagem tradicional e a abordagem comportamental.

Com relação às duas hipóteses propostas, essas podem ser consideradas verdadeiras. Na maioria das questões propostas aos alunos dos cursos superiores tecnológicos da IEST, em questão de gênero e idade, não há discrepância em suas preferências. Com ressalvas a algumas questões específicas, principalmente, no teste relacionado à idade dos grupos: o grupo de faixa etária maior ainda está, de certa forma, ligado às abordagens tradicional e comportamental.

Não se pode esquecer de que a principal característica dessa amostra é a predominância de alunos jovens (com menos de 20 anos e no máximo 30 anos) e do gênero masculino. O que nos leva a propor novos estudos, principalmente, pela questão do gênero, que pode mostrar uma diferença substancial na autonomia de aprendizado e com relação ao ambiente de aprendizagem. Também, por causa da juventude da amostra, propõem-se novos estudos que relacionem as Teorias de Gerações (*Baby Boomers*, X, Y e Z) com as Teorias de Aprendizagem (abordagens pedagógicas).

REFERÊNCIAS

- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- HAIR JR, J.F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- LIBANEO, J. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In> Revista da Ande, n.6, 1982.
- LIBANEO, José Carlo. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1986.
- MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- RAUPP, Fabiano M; BEUREN, Ilse M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse M. (org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ROGERS, Carl. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.
- SANTOS, Roberto Vatan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Integração**, jan/fev/mar, 2005, ano XI, n.40, p.19-31.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 12. ed. São Paulo : Cortez Autores Associados, 1986.